

"Construir um Barco é Diferente de Pilotar um": Resiliência de Mulheres Empreendedoras sob Perspectiva Interseccional

"Building a Ship is Different from Piloting one": Resilience of Women Entrepreneurs from an Intersectional Perspective

"Construir un Barco es Diferente a Pilotearlo": Resiliencia de Mujeres Emprendedoras desde una Perspectiva Interseccional

Estudo Empírico

Heila Magali Silva Veiga¹

<https://orcid.org/0000-0002-7429-8124>

E-mail: heila.veiga@ufu.br

Kamila Batista de Melo¹

<https://orcid.org/0009-0007-1619-0346>

E-mail: kamilabmelo@gmail.com

Olívia Pillar Perez Miziara¹

<https://orcid.org/0000-0002-5413-9484>

E-mail: olivia.miziara@ufu.br

Rafaela de Sousa Araújo¹

<https://orcid.org/0009-0006-5604-9411>

E-mail: rafaelasaraujo@ufu.br

Maria Laura de Freitas Andrade Telles²

<https://orcid.org/0000-0001-7444-3507>

E-mail: mariatelles@usp.br

Mariana Calixto Tavares¹

<https://orcid.org/0009-0009-5610-1760>

E-mail: marianacalixto@ufu.br

¹ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais (MG), Brasil

² Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, São Paulo (SP), Brasil

Editora Associada Responsável:
Sílvia Miranda Amorim

Como citar:

Veiga, H. M. S., Melo, K. B., Perez Miziara, O. P., Araújo, R. S., Telles, M. L. F. A., & Tavares, M. C. (2025). "Construir um Barco é Diferente de Pilotar um": Resiliência de Mulheres Empreendedoras sob Perspectiva Interseccional. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 25, e26059. <https://doi.org/10.5935/rpot/2025.26059>

Resumo: O empreendedorismo feminino tem crescido como um pilar fundamental no desenvolvimento econômico e social, mas desafios estruturais e culturais ainda dificultam a jornada das mulheres empreendedoras. Este estudo analisa a resiliência empreendedora feminina a partir de uma perspectiva interseccional, considerando como gênero, raça e classe impactam suas trajetórias. A resiliência é vista como um recurso essencial para enfrentar barreiras como discriminação de gênero, dificuldades financeiras e falta de redes de apoio. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou entrevistas com 10 empreendedoras de Uberlândia (MG), investigando suas vivências e desafios. Os resultados evidenciam que, embora a resiliência seja fundamental para a sobrevivência dos negócios, sua exigência constante pode ser desgastante sem suporte adequado. O estudo reforça a necessidade de políticas públicas e redes de apoio para garantir um ambiente mais equitativo e inclusivo no empreendedorismo feminino, promovendo oportunidades reais de crescimento sustentável.

Palavras-chave: empreendedorismo feminino, resiliência empreendedora, interseccionalidade.

Abstract: Female entrepreneurship has become a fundamental pillar of economic and social development, yet structural and cultural challenges still hinder women's entrepreneurial journeys. This study examines female entrepreneurial resilience from an intersectional perspective, considering how gender, race, and class influence their paths. Resilience is seen as a crucial resource for overcoming barriers such as gender discrimination, financial difficulties, and lack of support networks. This qualitative research involved interviews with 10 female entrepreneurs from Uberlândia (MG), exploring their experiences and challenges. Findings highlight that while resilience is essential for business survival, its constant demand can be exhausting without adequate support. The study underscores the need for public policies and support networks to ensure a more equitable and inclusive environment for female entrepreneurship, fostering real opportunities for sustainable growth.

Keywords: female entrepreneurship, entrepreneurial resilience, intersectionality.

Resumen: El emprendimiento femenino se ha convertido en un pilar fundamental del desarrollo económico y social, pero los desafíos estructurales y culturales siguen dificultando la trayectoria de las mujeres emprendedoras. Este estudio analiza la resiliencia empreendedora femenina desde una perspectiva interseccional, considerando cómo el género, la raza y la clase influyen en sus trayectorias. La resiliencia se entiende como un recurso clave para superar barreras como la discriminación de género, las dificultades financieras y la falta de redes de apoyo. La investigación, de enfoque cualitativo, incluyó entrevistas con 10 emprendedoras de Uberlândia (MG), explorando sus vivencias y desafíos. Los resultados destacan que, aunque la resiliencia es fundamental para la supervivencia de los negocios, su exigencia constante puede ser agotadora sin un apoyo adecuado. El estudio enfatiza la necesidad de políticas públicas y redes de apoyo para garantizar un entorno más equitativo e inclusivo en el emprendimiento femenino, promoviendo oportunidades reales de crecimiento sostenible.

Palabras clave: emprendimiento femenino, resiliencia empreendedora, interseccionalidad.

Introdução

O empreendedorismo feminino tem se consolidado como uma força motriz no desenvolvimento econômico e social global. De acordo com o relatório mais recente do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) de 2024/2025, as mulheres representam aproximadamente 34,4% dos negócios no Brasil, totalizando cerca de 10,3 milhões de empreendedoras. No entanto, é imperativo reconhecer que o conceito tradicional de empreendedorismo, muitas vezes associado à figura do homem branco, rico e heteronormativo, não abarca a diversidade de experiências presentes no cenário atual (Ahl & Marlow, 2012; 2021; Bird & Brush, 2002; Marlow & McAdam, 2013; Matharu & Juneja, 2024). Estudos recentes têm direcionado o foco para as mulheres no empreendedorismo, mas é importante questionar: quais mulheres estão sendo consideradas? A ausência de uma perspectiva interseccional marginaliza as múltiplas camadas de opressão e privilégio que influenciam as trajetórias das empreendedoras.

A interseccionalidade, conceito desenvolvido por Kimberlé Crenshaw (1989), destaca a importância de analisar como diferentes marcadores sociais, como gênero, raça e classe, se entrelaçam, criando experiências únicas de discriminação ou privilégio. No contexto do empreendedorismo feminino, essa abordagem é vital para compreender os desafios específicos enfrentados por mulheres negras, indígenas, LGBTQIA+ e com outras identidades (Dy & MacNeil, 2025; Veiga et al., 2024; Vorobeva, 2022). De acordo com a literatura, mulheres negras empreendedoras frequentemente enfrentam barreiras adicionais, como acesso limitado a financiamento e falta de redes de apoio, além de lidarem com estereótipos para além dos de gênero, como os raciais (Conley & Bilimoria, 2022; Norman et al., 2024). Desse modo, a abordagem interseccional se faz essencial para compreender como as estruturas interagem com as dinâmicas sociais, influenciando tanto as oportunidades quanto os desafios encontrados por essas mulheres.

A resiliência empreendedora emerge como uma competência essencial para essas mulheres, permitindo-lhes navegar por adversidades e persistir nas suas atividades empreendedoras (Lingappa & Rodrigues, 2023; Nassif & Garçon, 2022). Aplicada no contexto do empreendedorismo feminino, a resiliência refere-se à capacidade de enfrentar e superar barreiras estruturais, como discriminação de gênero e racismo, além das dificuldades econômicas inerentes ao processo de empreender (Matharu & Juneja, 2024). Estudos indicam que essa competência é moldada por fatores interseccionais, como redes de apoio comunitárias, acesso a programas de incentivo e a própria construção identitária das empreendedoras (González & Macias-Alonso, 2023; Hazudin et al., 2023). Entender como esses fatores interagem é fundamental para desenvolver políticas e programas de capacitação que abordem barreiras específicas e proporcionem soluções mais eficazes e equitativas.

Diante desse cenário, este estudo propõe investigar as vivências e desafios das mulheres empreendedoras à luz da resiliência empreendedora, explorando como fatores interseccionais influenciam suas trajetórias, motivações e interações sociais. Ao adotar uma perspectiva crítica e interseccional, busca-se ampliar a compreensão sobre o empreendedorismo feminino, reconhecendo a diversidade de experiências e promovendo uma abordagem mais inclusiva e equitativa.

Prosperando Contra as Probabilidades: a resiliência como fator crucial para o empreendedorismo feminino

O conceito de resiliência tem sido amplamente discutido em diversas áreas do conhecimento, com definições que variam conforme o contexto. Para Carlson et al. (2012), resiliência é a capacidade de uma entidade de "antecipar, resistir, absorver, responder, adaptar-se e recuperar-se de uma perturbação", abrangendo tanto aspectos preventivos quanto reativos. Outros autores destacam a resiliência como a habilidade de manter função, estrutura e identidade diante de mudanças (Longstaff et al., 2010) ou como o funcionamento emocional e psicológico saudável em situações de estresse e trauma (Bonanno, 2005; Leipold & Greve, 2009). No contexto do empreendedorismo, a resiliência é frequentemente associada à capacidade de enfrentar adversidades e se adaptar a ambientes desfavoráveis (Sinclair & Wallston, 2004; Reppold et al., 2012), incluindo a superação de crises e a identificação de oportunidades em cenários de incerteza, como durante a pandemia de COVID-19 (Torkkeli, 2021; Zahra, 2020).

A resiliência empreendedora amplia o conceito de resiliência psicológica, representando um processo dinâmico de adaptação que permite aos empreendedores recuperar-se de desafios e persistir em seus objetivos (Korber & McNaughton, 2018). Essa capacidade é fundamental para a sobrevivência e o crescimento de negócios em ambientes voláteis (Bullough & Renko, 2013; Zahra, 2020), sendo influenciada por fatores como estrutura organizacional, características individuais e redes sociais (Lengnick-Hall et al., 2011). No entanto, como apontam Corner et al. (2017), a resiliência não segue uma trajetória linear após o fracasso, exigindo uma compreensão mais complexa e contextualizada. Essa complexidade se torna ainda mais evidente quando aplicada ao empreendedorismo feminino, em que as interseccionalidades de gênero, raça e classe desempenham um papel central na configuração das experiências das mulheres.

Mulheres empreendedoras enfrentam desafios únicos, como a conciliação entre trabalho e responsabilidades familiares, discriminação de gênero e acesso limitado a recursos financeiros e redes de apoio (McGowan et al., 2012; Nassif et al., 2020). Essas barreiras são agravadas por

interseccionalidades que moldam suas experiências de maneira distinta. Como destacam Patricia Hill Collins (2022) e Kimberlé Crenshaw (1989), a interseccionalidade permite compreender como múltiplas identidades se sobrepõem, criando eixos de subordinação que influenciam as trajetórias individuais. No empreendedorismo, isso se reflete na necessidade de ir além de perspectivas reducionistas que atribuem o sucesso empresarial a características individuais, ignorando as estruturas de opressão que afetam mulheres negras e periféricas (Ferretti & de Souza, 2022).

A resiliência, nesse contexto, não pode ser entendida apenas como uma capacidade individual, mas como um fenômeno socialmente construído, influenciado por redes de apoio, políticas públicas e condições socioeconômicas. Mulheres negras, por exemplo, frequentemente recorrem a estratégias coletivas e comunitárias para superar adversidades, como observado nos trabalhos de Lélia Gonzalez (2020) e Beatriz Nascimento (2022). Entre essas estratégias, podemos considerar a digitalização de negócios, a construção de redes solidárias e a utilização de recursos culturais e simbólicos para fortalecer seus empreendimentos (Fernandes, 2023). Além disso, a resiliência empreendedora feminina envolve a adaptação a desafios como a tripla jornada de trabalho, o acesso limitado a crédito e a discriminação de gênero (Donga & Chimucheka, 2024; Gonçalves et al., 2025; Silvestri, 2022), que são vivenciados de maneira distinta conforme a interseccionalidade de raça, classe e orientação sexual.

A literatura sobre resiliência empreendedora feminina ainda carece de abordagens interseccionais que considerem as múltiplas identidades e experiências das mulheres. Enquanto estudos como os de Badzaban et al. (2021) e Anggadwita et al. (2023) focam na capacidade individual de superar adversidades, poucos exploram como raça, classe e gênero interagem para criar desafios e oportunidades específicas. Além disso, há uma necessidade de ampliar o escopo das pesquisas para incluir perspectivas comunitárias e organizacionais, reconhecendo que a resiliência é um fenômeno multidimensional (Bakas, 2017; Cosentino & Paoloni, 2021).

Nesse sentido, a resiliência empreendedora feminina deve ser entendida como um processo dinâmico e interseccional, influenciado por fatores sociais, culturais e econômicos. Ao adotar uma perspectiva crítica e interseccional, este estudo busca não apenas preencher lacunas teóricas, mas também informar políticas públicas e práticas empresariais que promovam a equidade e a inclusão no empreendedorismo. A compreensão das interseccionalidades que moldam as trajetórias das mulheres empreendedoras é essencial para construir um futuro mais justo e sustentável, em que o empreendedorismo seja verdadeiramente inclusivo e representativo.

Método

A pesquisa adotou uma abordagem transversal e qualitativa (Gil, 2002), cujo objetivo foi compreender as experiências e percepções das mulheres empreendedoras em relação aos desafios enfrentados no contexto do empreendedorismo feminino resiliente. Buscou-se explorar os significados atribuídos pelas participantes aos fenômenos investigados, permitindo uma análise das narrativas acerca de suas vivências (Minayo, 2012).

Participantes

Participaram da pesquisa 10 mulheres, residentes da cidade de Uberlândia (MG). O tipo de amostra foi por conveniência, e tentou-se selecionar perfis variados visando assegurar uma representação diversificada de mulheres e tipo de empreendimento. Em relação ao tipo de negócio, três atuam no ramo de educação corporativa e desenvolvimento humano, duas no setor de vendas de cosméticos, uma na área de confeitaria, uma na administração de serviços de cuidadores, uma com serviços de faxina, uma com a venda de artigos de crochê, uma no setor de papelaria personalizada e uma no ramo da costura criativa. Quanto ao nível de escolaridade, seis dessas mulheres possuem ensino superior completo. A Tabela 1 fornece uma descrição detalhada das características das participantes.

Tabela 1

Características das mulheres participantes do estudo

Nome Fictício	Idade	Cor/Raça	Filhos	Escolaridade	Status Marital	Trabalho	Tempo do negócio (anos)
Maria	40	Branca	1	Pós-graduação	Viúva	Mentora	10
Dulce	48	Parda	2	Graduação	Casada	Treinamento e orientação	6
Joana	47	Negra	1	Graduação	Casada	Artesã (costura criativa)	10

Nome Fictício	Idade	Cor/Raça	Filhos	Escolaridade	Status Marital	Trabalho	Tempo do negócio (anos)
Angélica	49	Parda	0	Graduação	Solteira	Vendedora (produtos de beleza e utensílios)	Não especificado
Kátia	55	Branca	3	Ensino Técnico	Solteira	Cuidadora de idosos	Não especificado
Carolina	54	Branca	-	Graduação	Divorciada	Diarista	Após perder negócio anterior
Isabel	55	Branca	2	Não especificado	Divorciada	Vendedora (produtos de beleza)	Não especificado
Ana	45	Branca	2	Ensino Fundamental incompleto	-	Diarista e crocheteira	Não especificado
Clarice	32	Negra	1	Pós-Graduação	Casada	Papelaria e brindes	Não especificado
Cecília	33	Negra	2	Ensino Médio completo	Casada	Confeiteira (bolos e doces)	Não especificado

Nota. Fonte: Elaboração própria

Instrumento

Com o objetivo de apreender o propósito geral da pesquisa, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada destinado a explorar as vivências e os desafios enfrentados por mulheres empreendedoras, com ênfase na manifestação da resiliência empreendedora em suas trajetórias. Entre as questões que compõem o roteiro, destacam-se:

- (a) Quais dificuldades você enfrenta no cotidiano de seu negócio?
- (b) Você encontra desafios específicos em decorrência de ser mulher? Nota alguma diferença em momentos distintos da gestão de seu empreendimento?
- (c) De que forma você lida com as adversidades que surgem em sua empresa?

Procedimentos de Coleta de Dados e Cuidados Éticos

Para participar do estudo, os critérios de inclusão foram: i) ter acima de 18 anos; ii) se identificar como mulher; iii) empreender há, no mínimo, 6 meses e iv) morar em Uberlândia, Minas Gerais.

As participantes do estudo foram recrutadas por meio do grupo Moeda de Troca e da estratégia de amostragem em bola de neve. O Moeda de Troca é um grupo sediado em Uberlândia, Minas Gerais, que promove o empreendedorismo feminino ao conectar mulheres por meio de eventos e iniciativas de networking, como exposições, bazares e talk shows. Logo após o convite para participar da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado e os esclarecimentos éticos foram explicados. Caso elas decidissem participar, foi obtida a assinatura do TCLE, possibilitando sua saída da pesquisa a qualquer momento, caso fosse desejado.

As entrevistas foram realizadas individualmente via Google Meet entre março e abril de 2024, em virtude da disponibilidade das mulheres, e gravadas nos celulares das pesquisadoras. A duração média de cada entrevista foi de 50 minutos. A opção pelo formato online deu-se devido ao ambiente virtual possibilitar a participação de mulheres de diferentes bairros, de modo a ampliar a diversidade da amostra. Além disso, o virtual promove a redução de custos de deslocamento e amplia a flexibilidade no agendamento das entrevistas. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos sob o CAAE: 45208621.3.0000.5152 antes do início da coleta de dados.

Procedimentos de Análise de Dados

Os dados foram gravados, mediante a autorização das participantes, e transcritos digitalmente pelas pesquisadoras. Posteriormente, eles foram submetidos à análise de conteúdo, seguindo as diretrizes de Bardin (2011) passo a passo: i) pré-análise (seleção e leitura do material a ser analisado, organizando as informações em categorias); ii) codificação (início da interpretação dos dados em códigos); iii) categorização (identificação e seleção final das categorias extraídas do texto,

levando em consideração os objetivos de pesquisa); iv) interpretação (análise inferencial dos códigos prontos).

Adicionalmente, foram analisadas a frequência das falas das participantes mediante a criação de dois indicadores, *f* (número de participantes que falaram algo relevante à categoria) e *fa* (número acumulado de vezes que o tema surge na fala das participantes).

Resultados

A partir da análise do corpus das falas das participantes, foram criadas duas categorias de primeira ordem: Empreender e ser mulher, que originou três códigos de segunda ordem, sendo Finanças, Competências Psicológicas e Competências de Gestão, e Ser mulher empreendedora, que também gerou três códigos de segunda ordem, sendo Barreiras de Gênero, Redes de Suporte e Conflito Trabalho-Família. Todas elas estão detalhadas na Tabela 2.

Tabela 2

Códigos sobre empreendedorismo feminino

Código (1ª ordem)	Código (2ª ordem)	Definição	f.	fa.
Empreender e ser mulher	Finanças	Abrange os desafios financeiros que as mulheres empreendedoras enfrentam, incluindo acesso a crédito, gerenciamento de capital e sustentabilidade financeira dos seus negócios.	10	45
	Competências psicológicas	Envolve os aspectos emocionais e psicológicos que impactam as mulheres no empreendedorismo, como confiança, resiliência, controle emocional, medo do fracasso, sobrecarga e a necessidade de equilíbrio entre vida pessoal e profissional.	10	55
	Competências de gestão	Inclui habilidades relacionadas à administração do negócio, como marketing, vendas, gestão de pessoal e operação.	10	80
Ser mulher empreendedora	Barreiras de gênero	Engloba os desafios únicos enfrentados pelas mulheres devido ao gênero, como preconceito, discriminação e a luta por credibilidade em um ambiente dominado por homens.	10	52
	Redes de suporte	Refere-se ao suporte recebido pelas empreendedoras, sendo mentores, familiares e instituições.	10	41
	Conflito trabalho-família	Abarca a dinâmica das esferas do trabalho, família e cuidado doméstico enfrentado pelas empreendedoras.	8	26

Nota. Legenda: *f*: número de participantes que falaram algo relevante à categoria; *fa*: número acumulado de vezes que o tema surge na fala das participantes.

As Batalhas Silenciosas por trás do Sucesso Empresarial

Empreender e ser mulher. Essa primeira parte representa os desafios enfrentados pelas empreendedoras na administração de seus negócios, englobando dificuldades financeiras, limitações em competências psicológicas (como autoconfiança e resiliência) e lacunas em habilidades de gestão, como planejamento e tomada de decisões. É essencial enfatizar que, embora tais desafios sejam comuns a todos os empreendedores, para as mulheres, os obstáculos se apresentam de maneira significativamente mais intensa e desproporcional em relação aos enfrentados por seus homólogos masculinos (Marlow & McAdam, 2013).

Finanças. A gestão financeira é um aspecto crítico para a sustentabilidade de qualquer empreendimento. A categoria *finanças* surge como uma das principais preocupações das mulheres entrevistadas, abrangendo desafios relacionados ao acesso ao crédito, gestão de capital e sustentabilidade financeira dos negócios (Buaride et al., 2022; Santos et al., 2023). A recorrência dessa temática nas entrevistas (*fa* = 45) destaca a urgência das questões financeiras no empreendedorismo feminino. Entre os principais obstáculos relatados estão a ausência de planejamento financeiro e a dificuldade de acesso a recursos essenciais para a manutenção e o crescimento dos empreendimentos.

Os depoimentos evidenciam como a falta de organização financeira pode comprometer a viabilidade dos negócios:

Eu tenho vários negócios que eu mentoro que têm faturamento altíssimo, quando você vai ver, é prejuízo atrás de prejuízo, porque elas não têm organização financeira, tudo que ganha gasta (Maria).

E aí depois vêm as questões de você não ter um planejamento financeiro. Eu não tinha um planejamento financeiro, eu não planejei fazer um negócio, empreender, abrir uma empresa, então eu não tinha reserva financeira para isso (Dulce).

Além da ausência de planejamento, a gestão inadequada dos recursos aparece como um fator recorrente de dificuldade financeira (Martins et al., 2015; Melo & Prieto, 2013). Maria e Dulce ressaltam a importância do planejamento financeiro na estruturação de um negócio, apontando que a falta de reservas financeiras pode se tornar um entrave significativo para a sustentabilidade das iniciativas empreendedoras. Casos como os de Ana e Isabel ilustram essa problemática, uma vez que ambas enfrentaram prejuízos decorrentes da ausência de reservas financeiras e do manejo inadequado do capital. Essa fragilidade estrutural pode comprometer a longevidade dos empreendimentos e dificultar a superação de períodos de crise (Teixeira et al., 2023; Teixeira et al., 2024).

Outro aspecto relevante é a diferença de abordagem financeira entre os gêneros (Veiga et al., 2024). Conforme apontado por Angélica, os homens tendem a adotar uma postura mais arriscada e menos preocupada com a disponibilidade imediata de recursos, ao passo que as mulheres demonstram maior cautela antes de empreender:

O mais difícil, sem dúvida alguma, é a questão financeira das empreendedoras. Tanto que eu não posso nichar o meu trabalho, por isso, porque eu tenho outros, e, principalmente, homens, eles não têm essa dificuldade. Ele foca, 'ah, eu vou fazer'. Depois ele pensa como vai arrumar o dinheiro. A mulher, não. Ela já tem muito essa ideia de que eu tenho que ter o dinheiro para ir fazer.

Esse contraste sugere uma diferença fundamental na forma como os gêneros percebem e gerenciam o risco financeiro (Cineglaglia et al., 2021; Iskandar et al., 2021; Rodrigues et al., 2021). Enquanto os homens frequentemente iniciam um empreendimento com uma visão mais voltada para o futuro, as mulheres enfrentam barreiras adicionais relacionadas ao acesso a recursos e à necessidade de planejamento prévio (Meunier et al., 2022; Veiga et al., 2024). Essa diferença de abordagem pode impactar significativamente a trajetória empreendedora, influenciando tanto a tomada de decisão quanto a capacidade de adaptação a desafios financeiros.

Competências Psicológicas

As competências psicológicas são igualmente vitais e se referem aos aspectos emocionais e psicológicos que impactam as empreendedoras, como autoconfiança, resiliência e controle emocional (Wardle, 2023). A alta recorrência dessa categoria nas entrevistas (fa = 55) resalta a importância do suporte emocional para o sucesso empresarial. Muitas entrevistadas relataram enfrentar barreiras emocionais, incluindo dúvidas sobre suas próprias capacidades e dificuldades para equilibrar vida pessoal e profissional.

Dulce e Joana ilustram como a resiliência e a gestão do estresse são cruciais para enfrentar os desafios do empreendedorismo:

A primeira coisa vem do emocional da gente, eu vejo isso muito presente no mundo feminino. A primeira barreira é a nossa, a primeira barreira é a mental, é a dúvida, é achar que a gente não sabe o suficiente, que a gente não é boa o suficiente para ir para o mercado (Dulce).

O que eu mais enfrento é a questão da disciplina de organização de tempo, né? Porque eu tenho que dar conta de tudo, incluindo o empreender. Então essa questão do tempo é muita resiliência, muita disciplina. Eu não acordo todo dia com vontade de fazer, mas é aquela coisa, né? Eu preciso fazer. Não tem quem faça. Aí eu vou lá e faço (Joana).

Os relatos das participantes evidenciam que muitos dos desafios enfrentados no empreendedorismo estão diretamente relacionados à confiança, à resiliência e ao equilíbrio entre vida pessoal e profissional (Cineglaglia et al., 2021; Ghai, 2021; GEM, 2017, 2022; Hechavarria et al., 2019; Iskandar et al., 2021; Reichborn-Kjennerud & Svare, 2014; Wardle, 2023). Dulce menciona como a insegurança pode ser uma barreira significativa para o sucesso, enquanto Joana e Kátia ressaltam a necessidade de disciplina e resistência emocional para lidar com a sobrecarga de trabalho e multiplicidade de demandas.

A exaustão física e emocional é um fator crítico para muitas mulheres empreendedoras. Kátia relata como a carga excessiva de trabalho impacta sua saúde e sua capacidade de sustentar o próprio negócio:

Eu não estou mais conseguindo trabalhar como eu trabalhava antes. Eu trabalho 36 horas seguidas para manter a casa e tudo mais, só que o dinheiro não dá, eu também não tenho mais força, estou muito cansada (Kátia).

Além disso, questões relacionadas à credibilidade e ao medo do fracasso surgem como desafios importantes. Angélica e Clarice destacam a necessidade de tratar a saúde mental e fortalecer o autoconhecimento para melhorar o desempenho profissional:

Eu precisei tratar o meu emocional para o meu negócio melhorar (...) eu tinha medo de, sei lá, não dar conta de entregar (Clarice).

Por fim, Isabel e Cecília enfatizam que a manutenção da saúde física e emocional é essencial para lidar com o estresse e as múltiplas responsabilidades. Os depoimentos coletados corroboram o que a literatura aponta sobre a importância do bem-estar psicológico como parte do capital emocional necessário para a criação e manutenção de empreendimentos bem-sucedidos (Badzaban et al., 2021; Chatterjee et al., 2022).

Competências de gestão

As *competências de gestão* foram mencionadas com a maior frequência (fa=80) entre as entrevistadas, evidenciando sua importância no sucesso ao empreender. Habilidades como planejamento, marketing e liderança são frequentemente citadas como essenciais, mas muitas empreendedoras enfrentam desafios devido à falta de formação adequada (Melo & Prieto, 2013; Telles et al., 2024). Maria e Cecília destacam que o preparo prévio e a capacitação são fundamentais para evitar erros e melhorar o desempenho dos negócios:

Hoje, se eu fosse abrir um negócio, eu não faria mais como eu fiz, eu estudaria, eu faria um curso de gestão (...) O curso que eu fiz de empreendedorismo foi pequeníssimo, mas minha visão mudou muito (Cecília).

A ausência de competências em planejamento e organização pode comprometer a viabilidade do negócio (Martins et al., 2015; Melo & Pietro, 2013). Maria e Dulce relatam que muitas empreendedoras não sabem estruturar um planejamento financeiro e operacional básico, o que pode levar a decisões inadequadas. Adicionalmente, Clarice ressalta a importância da qualificação contínua:

Fiz mais de 300 cursos e umas 10 mentorias, justamente para entender melhor o meu negócio (Clarice).

A literatura enfatiza que o investimento em educação e materiais é essencial para aprimorar a capacidade de gestão e adaptação ao mercado (Kamasturyani et al., 2019; Theaker, 2023). Além disso, carisma e habilidades de comunicação são fundamentais, como destacado por Isabel:

Para ser empreendedora, tem que ter planejamento (...) e ser carismática. Nunca se vende com a cara amarrada (Isabel).

A capacidade de se conectar com clientes e parceiros pode ser um diferencial competitivo (Baum & Locke, 2004; Bullough et al., 2014). Por outro lado, dificuldades de expressão e falta de visibilidade podem limitar oportunidades de crescimento (Dolhey, 2019; Pfeifer et al., 2016). Assim, uma gestão eficaz exige um conjunto diversificado de habilidades, incluindo planejamento estratégico, aprendizado contínuo e comunicação eficaz (Marlow, 2019). A busca constante pelo aprimoramento dessas competências pode determinar o sucesso dos empreendimentos femininos (Buaride et al., 2022).

A vida por si só não deveria ser um problema, mas acaba sendo quando você é mulher

Ser mulher empreendedora. A segunda parte refere-se aos desafios pessoais e sociais que influenciam a trajetória das empreendedoras, incluindo as barreiras de gênero (como discriminação e desigualdade de oportunidades), a importância das redes de suporte (familiares, comunitárias e institucionais) e os conflitos entre trabalho e família, que afetam a conciliação entre responsabilidades domésticas e empresariais. Ao comparar essas barreiras com a literatura sobre empreendedorismo, evidencia-se que tais desafios representam desigualdades estruturais baseadas em gênero. As desigualdades estruturais relacionadas ao gênero são multifacetadas e compostas por diversas camadas. Por exemplo, as diferenças de gênero oriundas da normalização de comportamentos ou traços associados ao masculino podem fomentar desigualdades e consolidar papéis de gênero socializados, tanto em níveis individuais quanto sociais. (Galmangodage & Costanzo, 2025, p. 3).

Barreiras de Gênero. As barreiras de gênero revelam desafios únicos enfrentados pelas mulheres empreendedoras, como preconceito e discriminação. Com uma frequência acumulada de (fa=52), essa categoria evidencia as barreiras adicionais impostas pelo gênero. Os relatos de Maria, Joana e Angélica demonstram que as empreendedoras enfrentam uma luta constante para provar sua credibilidade em um ambiente predominantemente masculino e, em alguns casos, também enfrentam discriminação baseada na orientação sexual:

Mulheres empoderadas, mulheres empreendedoras e mulheres que são bem resolvidas com isso, ela ainda é uma afronta para um público machista. Ele (homem) quer que a mulher dependa dele (...) Eu tenho relacionamentos homoafetivos. E, com isso, é mais afrontoso ainda. Porque aí você não depende em nada mesmo (Angélica).

Os desafios enfrentados pelas mulheres empreendedoras são fortemente influenciados pelas normas sociais e expectativas de gênero que permeiam a sociedade (Natividade, 2009). Esses obstáculos se manifestam de diversas formas e impactam significativamente a trajetória profissional das mulheres (Tavares & Araujo, 2018). Para mulheres negras, indígenas e periféricas, essas barreiras se intensificam, pois enfrentam não apenas o sexismo, mas também o racismo estrutural e a falta de acesso a redes de financiamento e apoio (Collins, 2022; Crenshaw, 1989; Gonzalez, 2020).

A falta de apoio e credibilidade é um dos principais problemas relatados por empreendedoras como Maria e Kátia: “Você escuta muito ‘Você tem que arrumar um homem para poder te ajudar’” (Kátia).

A ausência de suporte familiar e conjugal não apenas compromete a confiança das mulheres em seus empreendimentos, mas também reflete uma expectativa tradicional que limita o reconhecimento do papel da mulher como empreendedora (Alperstedt et al., 2014; Byrne et al., 2019; Forrester & Neville, 2021; Jonathan & Silva, 2007). Essa falta de valorização por parte de familiares e parceiros é um sintoma claro de uma estrutura patriarcal persistente, em que as mulheres enfrentam resistência para afirmar sua autonomia profissional (Gomes et al., 2014). Para mulheres negras, a questão se agrava, pois muitas vezes suas capacidades empreendedoras são subestimadas devido a estereótipos raciais que as associam a papéis subalternizados no mercado de trabalho (Carneiro, 2015; Kilomba, 2020).

As expectativas sociais e a capacitação desempenham um papel fundamental nesse cenário (Rudhumbu et al., 2020). Dulce observa que a socialização das mulheres muitas vezes não as prepara adequadamente para visualizar o trabalho como uma atividade empreendedora legítima:

Eu entendo que, até por N motivos sociais que, nós, mulheres, somos muito educadas a servir e não enxergar o serviço como um negócio, então acho que a gente demora muito a entender isso, eu demorei para entender isso e eu vejo muitas mulheres que também enfrentam essa dificuldade de enxergar um trabalho como um negócio.

Esse reflexo das normas de gênero subestima o potencial empresarial feminino e promove a ideia de que o trabalho das mulheres deve se restringir a papéis de suporte doméstico e social (Santos et al., 2023). A formação inicial das mulheres muitas vezes não inclui o desenvolvimento das competências necessárias para a empreitada empresarial, limitando suas oportunidades de sucesso (Gloor, 2006). Para mulheres racializadas, a precariedade educacional e a exclusão das redes formais de conhecimento geram obstáculos adicionais à profissionalização e ao crescimento sustentável de seus negócios (Davis, 2016; Hooks, 2015).

A questão do reconhecimento e da intimidação também se destaca. Joana e Angélica relatam que conquistar reconhecimento e superar hostilidade são desafios significativos para elas. No caso de Angélica, esses desafios são ampliados pela sua orientação sexual, que a coloca em uma posição ainda mais difícil ao desafiar as normas estabelecidas. Esse cenário revela que mulheres que pertencem a minorias adicionais enfrentam uma sobreposição de barreiras, intensificando as dificuldades em contextos predominantemente dominados por homens (Cineglaglia et al., 2021; Frese, 2021; Iskandar et al., 2021; McMullen & Shepherd, 2006; Rodrigues et al., 2021). No caso das mulheres negras e indígenas, a invisibilização de seus negócios e a dificuldade em acessar redes de apoio institucionalizadas resultam em menores oportunidades de crescimento e inovação (Collins, 2022; Veiga et al., 2024).

Afinal, Cecília ilustra a sobrecarga das responsabilidades domésticas, evidenciando a disparidade nas expectativas entre homens e mulheres:

Eu acho que a gente passa por uma dificuldade em questão de ser mulher porque as pessoas, seus familiares, acham que mulher, ela tem muito mais obrigação do que o homem, né? (...) Eu já passei muito por isso, de trabalhar o dia todo, de meu esposo chegar em casa (...) e falar ‘nossa, você não fez a janta ainda?’ E se eu trabalhar igual eles? (Cecília)

A duplicidade de papéis, administrar um negócio e, ao mesmo tempo, gerir a esfera doméstica, não apenas amplia a carga de trabalho das mulheres, mas também limita o tempo e a energia disponíveis para o desenvolvimento profissional e inovação (Cohen, 2012; Frese, 2021; Iskandar et al., 2021). Para mulheres negras, essa sobrecarga é ainda mais significativa, pois muitas vezes precisam lidar com jornadas duplas ou triplas de trabalho, combinando suas atividades empreendedoras com o emprego formal e o cuidado da família, em um contexto de maior vulnerabilidade socioeconômica (Carneiro, 2015; Gonzalez, 2020).

Redes de Suporte. A importância das *redes de suporte* é enfatizada como um contrapeso à solidão e à competitividade do empreendedorismo (Orozco Castillo, 2022). Com uma frequência acumulada de (fa = 41), esta categoria reflete a necessidade de apoio de mentores, familiares e instituições. As entrevistas revelam que o suporte social é essencial para enfrentar os desafios e a sensação de isolamento. De acordo com Maggioni (2022), a presença de redes de suporte pode contribuir para reduzir as dificuldades percebidas pelas empreendedoras. A importância das redes de apoio para compartilhar experiências e obter ajuda prática é destacada por participantes como Maria:

Por mais gabaritada, por mais informação, por mais bagagem acadêmica que a mulher tenha, empreender ainda é um processo muito complicado. E aí, sem essa ajuda, sem essa troca, sem a mulher se apoiar em rede, entender a força de uma comunidade, como isso pode ajudá-la no processo da jornada empreendedora, a tendência dela é muito - além de solitária - de dar errado, né? (Maria).

Sob esse viés, o apoio de redes de suporte é fundamental para o sucesso das mulheres empreendedoras, mas a solidão e a competitividade podem ser desafios significativos (Lockyer & George, 2012; Orozco Castillo, 2022). Maria e Kátia destacam a importância de uma rede de apoio para enfrentar a jornada empreendedora, enquanto Carolina e Clarice relatam a dificuldade de lidar com o trabalho sozinha e a necessidade de uma equipe de apoio. Clarice também menciona a necessidade de superar a mentalidade de concorrência e a importância de construir relações colaborativas, ao invés de adotar uma abordagem isolada:

Construir um barco é diferente de pilotar um barco. Quando você está numa empresa, você está pilotando um barco e já está pronto. Tem pessoas para cuidar de outras áreas do barco, você cuida da sua área. (...) 300 milhões de pessoas em uma, e às vezes a gente se prende em uma pequenez de pensar muito 'Mas eu não vou contratar ninguém agora não, porque essa pessoa vai roubar minha ideia' (...) Um monte de pequenas atividades atrapalha a gente de focar na gestão do negócio. (...) As mulheres, muitas vezes, que empreendem, não têm uma amizade verdadeira, (...) ela simplesmente não pode conversar com a fulana, porque a fulana é minha concorrente, vai roubar o meu cliente... e não é assim que funciona (Clarice).

No que se refere ao aspecto colaborativo, Ducci e Teixeira (2011) destacam a relevância das redes sociais no empreendedorismo, enfatizando que a construção e manutenção do capital social por meio de relacionamentos são essenciais para acessar recursos, obter apoio e construir confiança, fatores que impulsionam a criação e o crescimento de novos negócios. Embora o estudo não aborde especificamente o empreendedorismo feminino, suas conclusões indicam que a ausência de redes de suporte pode intensificar a solidão e a competitividade enfrentadas pelas empreendedoras, reforçando a necessidade de fortalecer essas conexões para promover um ambiente mais colaborativo e favorável ao sucesso.

Conflito Trabalho-Família. A categoria de *conflito trabalho-família* refere-se à sobrecarga resultante da conciliação entre responsabilidades domésticas, profissionais e familiares (Filion, 1993; Santos et al., 2023). Com uma frequência acumulada de fa = 26, essa categoria evidencia os desafios enfrentados por muitas empreendedoras ao equilibrar múltiplos papéis, como o de mães, empresárias e responsáveis pelo cuidado do lar. Os relatos de Joana e Clarice ilustram como essa carga desproporcional impacta tanto o desempenho profissional quanto o bem-estar emocional. Clarice, por exemplo, descreve sua experiência:

Outra grande dificuldade é com relação a todas as atividades que envolvem o feminino. A gente tem que ser mãe, tem que ser esposa, e tudo isso é diferente para mulheres (...) Depois que minha filha nasceu, foi extremamente difícil empreender, principalmente nos primeiros meses, tudo isso sem rede de apoio, porque é só eu e meu esposo (...) Então, imagina o que é empreender com uma criança no colo, chorando, querendo mamar, e você tendo que atender um cliente (Clarice).

A literatura corrobora esses achados. Um estudo realizado por Roomi e Harrison (2010) com mulheres empreendedoras que participaram de programas de formação em empreendedorismo revelou que, após 18 meses, mais da metade delas abandonou suas iniciativas empresariais devido às responsabilidades domésticas e ao casamento.

A tripla jornada das mulheres empreendedoras, combinando os papéis de mãe, empresária e responsável pelo lar, impõe desafios significativos (Santos et al., 2023). Maria e Joana ilustram como a sobrecarga de tarefas domésticas e a responsabilidade pelo cuidado da família afetam diretamente a gestão de seus negócios. Higgins et al. (1992) apontam que, socialmente, espera-se que as mulheres continuem assumindo a maior parte das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos,

mesmo quando possuem empregos formais. Assim, embora a participação feminina no empreendedorismo tenha aumentado, a divisão do trabalho doméstico permanece desigual, com as mulheres desempenhando cerca de três vezes mais atividades relacionadas ao cuidado do lar em comparação aos homens, o que impacta negativamente sua capacidade de iniciar e expandir negócios (Aldrich & Jennings, 2003).

O impacto dessa sobrecarga também é evidenciado nas falas de Carolina e Isabel, que relatam como essas responsabilidades limitam o tempo e a energia disponíveis para o desenvolvimento de seus empreendimentos. Além disso, Clarice discute desafios adicionais enfrentados ao tentar equilibrar a carreira com demandas familiares:

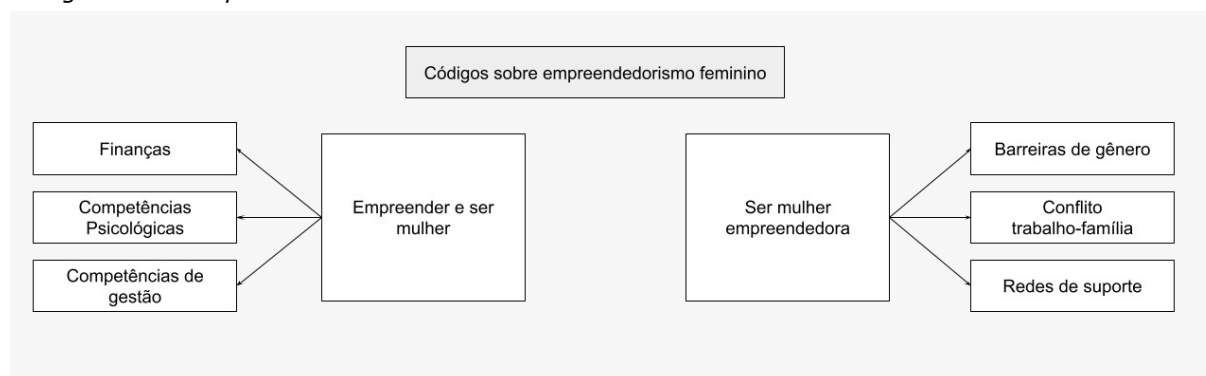
No início, eu me cobrava muito, que eu não conseguia trabalhar, cuidar do filho pequeno (...) manter a casa como se fosse um castelo e atender a minha demanda. Depois eu entendi que, cara, não vai ter jeito, ou eu vou ficar arrumando a casa, lavando louça, ou eu vou ter que trabalhar e aprender o que eu tenho que entender, sabe? (Clarice).

A falta de apoio institucional agrava essas dificuldades, tornando-se um fator determinante na permanência das mulheres no empreendedorismo (Roomi & Harrison, 2010). Estudos indicam que essa carga excessiva pode ser um dos motivos pelos quais menos mulheres iniciam negócios em comparação aos homens (Aldrich & Jennings, 2003). Para além, o relato de Clarice enuncia uma sobrecarga atrelada à alta demanda de trabalho doméstico e de seus empreendimentos, reforçando a dificuldade de conciliar ambas as esferas como um dos principais obstáculos ao sucesso dos negócios liderados por mulheres (Machado et al., 2017).

A Figura 1 sintetiza os achados das categorias de primeira ordem “empreender e ser mulher” e “ser mulher empreendedora”. Embora os desafios da primeira categoria sejam comuns a homens e mulheres empreendedoras, seu impacto é significativamente maior para estas; a segunda categoria, por sua vez, apresenta desafios estruturais de gênero, parcamente mencionados por homens empreendedores.

Figura 1

Códigos sobre empreendedorismo feminino



Discussão

Nós não nascemos resilientes, mas se quisermos empreender, é necessário ser

A análise dos dados coletados nas entrevistas revelou uma complexa série de desafios e experiências enfrentados pelas mulheres empreendedoras. As mulheres empreendedoras enfrentam uma série de desafios estruturais e culturais, profundamente enraizados nas normas de gênero (GEM, 2017, 2022; Hechavarria et al., 2019; Reichborn-Kjennerud & Svare, 2014). Muitas mulheres destacaram a dificuldade de conciliar as demandas do negócio com a criação dos filhos e as tarefas domésticas, reforçando uma expectativa de desempenho que raramente leva em conta as limitações estruturais impostas a elas. Essa sobreposição de funções evidencia como o modelo tradicional de empreendedorismo, concebido a partir da figura do homem branco, rico e heteronormativo (Ahl & Marlow, 2012; Essers & Benschop, 2009; Rumens, 2025), continua a influenciar como o sucesso e outras variáveis relacionadas ao empreendedorismo são medidas, negligenciando as realidades de mulheres de diferentes origens.

Embora a resiliência seja frequentemente exaltada como uma característica desejável, Silvia Federici (2021) e Angela Davis (2016) alertam para os riscos dessa narrativa. Segundo as autoras, a glorificação da resiliência pode servir para mascarar a falta de políticas públicas e perpetuar a ideia de que as mulheres devem suportar adversidades sem questionar as causas estruturais dessas

dificuldades. Isso ressoa com a crítica ao discurso do "empreendedorismo como solução", que muitas vezes ignora as condições desiguais de acesso a recursos e oportunidades (Pereira & Santos, 2023).

Quando analisamos as histórias dessas mulheres, percebemos que o empreendedorismo não surge necessariamente como um sonho cultivado ao longo dos anos, mas como um caminho encontrado para o sustento. A resiliência, nesse contexto, não é uma habilidade inata, mas um recurso que as mulheres são compelidas a construir diariamente, moldado pelas experiências, redes de apoio e desafios enfrentados, o que vai de encontro com achados recentes da literatura (Islam et al., 2025; Kawane & Shaw, 2024; Long et al., 2024). Nos relatos, encontra-se que a resiliência se manifesta de maneira múltipla: desde a persistência em um mercado que frequentemente desvaloriza seu trabalho até a capacidade de reinventar-se diante de crises econômicas. Uma das empreendedoras entrevistadas, por exemplo, contou como começou vendendo comida de porta em porta, equilibrando panelas e filhos pequenos, até conseguir abrir um pequeno espaço próprio. No entanto, ao invés de celebrar a estabilidade, ela precisou lidar com um aumento dos custos, dificuldades de crédito e a ausência de políticas que incentivem o crescimento de negócios liderados por mulheres de baixa renda. Assim, o empreendedorismo, que é muitas vezes vendido como um símbolo de liberdade e empoderamento, também carrega consigo um alto custo emocional e financeiro.

No mundo contemporâneo, ainda que o discurso do "faça você mesma" e do "basta acreditar" seja ultrapassado, ele continua sendo constantemente propagado como um caminho viável ao empreender. Assim, torna-se fundamental discutir até que ponto a responsabilidade pelo sucesso deve recair unicamente sobre as empreendedoras, sem levar em consideração as variáveis sociais e estruturais que são impostas a elas. A literatura recente tem cada vez mais discutido de que modo os fatores intrínsecos e extrínsecos ao empreendimento e à pessoa empreendedora podem influenciar o sucesso do negócio (Aladejebi et al., 2024; Long et al., 2024). Similarmente, vimos que a resiliência é um caminho inevitável para as mulheres que empreendem, e ainda, muitas esbarram em estruturas que limitam seu crescimento. Sem acesso a crédito facilitado, redes de apoio sólidas e políticas públicas efetivas, a resiliência se torna uma exigência exaustiva, e não um recurso sustentável.

Em síntese, as entrevistas evidenciam que o empreendedorismo feminino traz aspectos relacionados ao nível individual de análise, mas transcende este. No nível individual, a resiliência contribui como ferramenta para enfrentamento de adversidades (Li, 2020; Renko et al., 2021; da Silva et al., 2019). A resiliência empreendedora pode ser concebida como a capacidade de resistir e superar rapidamente os desajustes, sendo uma das características pessoais importantes no empreendedorismo (Badzaban et al., 2021). Contudo, além desse nível, há a constante necessidade de ser resiliente, diante de um sistema que impõe responsabilidades adicionais relacionadas a gênero (maternidade, tarefas domésticas) e raça (racismo e discriminação), ressalta a urgência de repensar as políticas de fomento e de apoio. Ainda que as mulheres demonstrem uma capacidade de adaptação e inovação, a falta de suporte institucional e a persistência de normas sociais excludentes reforçam a ideia de que o sucesso não pode ser alcançado apenas com esforço pessoal.

Dessa forma, é necessário o desenvolvimento de uma abordagem interseccional que reconheça as múltiplas dimensões das desigualdades enfrentadas, abrindo caminho para um novo paradigma de empreendedorismo que privilegie a transformação estrutural e a equidade.

Considerações Finais

O objetivo dessa pesquisa foi investigar as vivências e desafios das mulheres empreendedoras à luz da resiliência empreendedora, explorando como fatores interseccionais influenciam suas trajetórias, motivações e interações sociais. Os achados ressaltam que o empreendedorismo feminino não pode ser dissociado das estruturas sociais que moldam e restringem as possibilidades dessas mulheres. A interseccionalidade de raça, gênero e classe se manifesta na forma de barreiras concretas, como dificuldades de acesso ao crédito, ausência de políticas públicas eficazes e sobrecarga do trabalho doméstico e de cuidado. No entanto, as entrevistadas demonstram uma resiliência que vai além da narrativa de superação individual, construindo redes de apoio e estratégias coletivas para lidar com um ambiente historicamente desfavorável.

Em face dos achados, a adoção de uma perspectiva analítica interseccional, por parte de pesquisadores e formuladores de políticas, se mostra imprescindível para a compreensão do empreendedorismo feminino. As condições de "*empreender e ser mulher*" engendram desafios que se sobrepõem aos obstáculos enfrentados pelos homens, e a condição de "*ser mulher empreendedora*" suscita o enfrentamento de barreiras específicas à condição feminina. Diante dessa complexidade e das desigualdades inerentes a esse contexto, a resiliência emerge como fator basilar para a superação dos desafios.

No campo acadêmico, recomenda-se que futuros estudos aprofundem-se na compreensão das seguintes questões:

1. Como esses empreendimentos evoluem ao longo do tempo? Quais fatores determinam sua sustentabilidade ou seu encerramento?

2. De que maneira iniciativas como cooperativas, programas de microcrédito ou mentorias podem influenciar o sucesso desses negócios?

3. Como as experiências das empreendedoras se conectam a debates mais amplos sobre questões de raça e classe? Essas experiências são semelhantes às de outros países com perfil socioeconômico semelhante ao Brasil?

Para além das recomendações de pesquisa acadêmica, é necessário que agentes públicos do governo desenvolvam políticas públicas que possam mitigar as desigualdades estruturais identificadas no caminho das empreendedoras. Diante dos achados, são recomendadas as iniciativas:

1. *Criação de linhas de crédito específicas para mulheres empreendedoras*, com taxas reduzidas e menos burocracia, considerando que a dificuldade de acesso ao financiamento foi identificada como um dos principais desafios enfrentados pelas participantes.

2. *Ampliação do acesso a espaços de formação e capacitação gratuita* relacionados a temas de gestão financeira, marketing e planejamento estratégico, já que a pesquisa evidenciou a importância dessas habilidades para a sustentabilidade dos negócios femininos.

3. *Políticas de suporte ao trabalho de cuidado*, como creches mais acessíveis aos bairros de concentração dessas mulheres e programas de conscientização e incentivo à redistribuição das responsabilidades domésticas, permitindo que mais mulheres possam se dedicar integralmente ao desenvolvimento de seus negócios.

Esta pesquisa reforça a necessidade de deslocar o foco do discurso único de “empreendedorismo como inovação” para uma análise mais crítica das desigualdades estruturais que permeiam a realidade dessas mulheres. No final, devemos nos perguntar: até que medida a resiliência se torna mais uma sobrecarga a partir do momento em que ela se torna necessária para as mulheres empreendedoras terem sucesso em seus empreendimentos?

Referências

- Ahl, H., & Marlow, S. (2012). Exploring the dynamics of gender, feminism and entrepreneurship: Advancing debate to escape a dead end? *Organization*, 19(5), 543–562. <https://doi.org/10.1177/1350508412448695>
- Ahl, H., & Marlow, S. (2021). Exploring the false promise of entrepreneurship through a postfeminist critique of the enterprise policy discourse in Sweden and the UK. *Human Relations*, 74(1), 41–68. <https://doi.org/10.1177/0018726719848480>
- Aladejebi, O., Peter, B. S., & Bukola, A.-T. (2024). Determinants of resilience practices among small business owners in Lagos State, Nigeria. *Scholars Journal of Economics, Business and Management*, 11(12), 383–395. <https://doi.org/10.36347/sjebm.2024.v11i12.002>
- Aldrich, H. E.; & Jennings, J. E. (2003). The pervasive effects of family on entrepreneurship: Toward a family embeddedness perspective. *Journal of Business Venturing*, 18(5), 573–596. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(03\)00011-9](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(03)00011-9)
- Alperstedt, G. D., Ferreira, J. B., & Serafim, M. C. (2014). Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. *Revista de Ciências da Administração*, 16(40), 221–234. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8077.2014v16n40p221>
- Anggadwita, G., Permatasari, A., Alamanda, D. T., & Profitoyo, W. B. (2023). Exploring women's initiatives for family business resilience during the COVID-19 pandemic. *Journal of Family Business Management*, 13(3), 714–736. <https://doi.org/10.1108/JFBM-02-2022-0014>
- Badzaban, F., Rezaei-Moghaddam, K., & Fatemi, M. (2021). Analysing the individual entrepreneurial resilience of rural women. *Journal of Global Entrepreneurship Research*, 11(1), 241–254. <https://doi.org/10.1007/s40497-021-00290-1>
- Bakas, F. E. (2017). Community resilience through entrepreneurship: the role of gender. *Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy*, 11(1), 61–77. <https://doi.org/10.1108/JEC-01-2015-0008>
- Bardin, L. (2011). Análise de conteúdo. Edições 70.
- Baum, J. R., & Locke, E. A. (2004). The Relationship of Entrepreneurial Traits, Skill, and Motivation to Subsequent Venture Growth. *Journal of Applied Psychology*, 89(4), 587–598. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.89.4.587>
- Bird, B., & Brush, C. (2002). A gendered perspective on organizational creation. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 26(3), 41–65. <https://doi.org/10.1177/104225870202600303>
- Bonanno, G. A. (2005). Resilience in the face of potential trauma. *Current directions in psychological science*, 14(3), 135–138. <https://doi.org/10.1111/j.0963-7214.2005.00347.x>
- Buaride, A., Gomes, J. L., Vale, M. P. E. M., & Nassif, V. M. J. (2022). Barreiras ao Empreendedorismo por Mulheres. *Revista de Empreendedorismo e Gestão De Micro e Pequenas Empresas*, 7(1), 1–22. <https://doi.org/10.29327/237867.7.1-4>
- Bullough, A., & Renko, M. (2013). Entrepreneurial resilience during challenging times. *Business Horizons*, 56(3), 343–350. <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2013.01.001>
- Bullough, A., Renko, M., & Myatt, T. (2014). Danger Zone Entrepreneurs: The Importance of Resilience and Self-Efficacy for Entrepreneurial Intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 38(3), 473–499. <https://doi.org/10.1111/etap.12006>
- Byrne, J., Fattoum, S., & Diaz Garcia, M. C. (2019). Role models and women entrepreneurs: Entrepreneurial superwoman has her say. *Journal of Small Business Management*, 57(1), 154–184. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12426>
- Carlson, J. L., Haffenden, R. A., Bassett, G. W., Buehring, W. A., Collins, M. J., Folga, S. M., Petit, F. D., Phillips, J. A., Verner, D. R., & Whitfield, R. G. (2012). *Resilience: Theory and Application*. Decision and Information Sciences Division. Argonne National Laboratory. <https://doi.org/10.2172/1044521>

- Carneiro, S. (2015). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. Selo Negro.
- Chatterjee, I., Shepherd, D. A., & Wincent, J. (2022). Women's entrepreneurship and well-being at the base of the pyramid. *Journal of Business Venturing*, 37(4), 106222. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2022.106222>
- Cineglaglia, M. N., Miranda, M. G. D., Friede, R., & Cavalcanti, M. T. (2021). Desafios do empreendedorismo feminino. *LexCult: Revista eletrônica de direito e humanidades*, 5(3), 59–76. <https://doi.org/10.30749/2594-8261.v5n3p57-74>
- Cohen, M. (2012). *Como escalar montanhas de salto alto? Exercendo no poder feminino*. Editora Saraiva.
- Collins, P. H. (2022). *Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003245650>
- Conley, N., & Bilimoria, D. (2022). Barriers and mitigating strategies of entrepreneurial business growth: The role of entrepreneur race and gender. *Entrepreneurship Research Journal*, 12(3), 391-439. <https://doi.org/10.1515/erj-2020-0061>
- Corner, P. D., Singh, S., & Pavlovich, K. (2017). Entrepreneurial resilience and venture failure. *International Small Business Journal*, 35(6), 687-708. <https://doi.org/10.1177/0266242616685604>
- Cosentino, A., & Paoloni, P. (2021). Women's skills and aptitudes as drivers of organizational resilience: An Italian case study. *Administrative Sciences*, 11(4), 129. <https://doi.org/10.3390/admsci11040129>
- Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1989(1), 139–167. <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>
- da Silva, P. M. M., El-Aouar, W. A., da Silva, A. W. P., & de Sousa, J. C. (2019). A resiliência no empreendedorismo feminino. *Gestão e Sociedade*, 13(34). <https://doi.org/10.21171/qes.v13i34.2346>
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. Boitempo editorial.
- Dolhey, S. (2019). A bibliometric analysis of research on entrepreneurial intentions from 2000 to 2018. *Journal of Research in Marketing and Entrepreneurship*, 21(2), 180-199. <https://doi.org/10.1108/JRME-02-2019-0015>
- Donga, G., & Chimucheka, T. (2024). Navigating Uncharted Territory: A post Covid-19 Exploration of the Resilience of Women Owned Small Businesses in the Wake of the Pandemic. *International Journal of Entrepreneurship, Business, and Creative Economy*, 4(2), 80–93. <https://doi.org/10.31098/ijebece.v4i2.2340>
- Ducci, N. P. C., & Teixeira, R. M. (2011). As redes sociais dos empreendedores na formação do capital social: Um estudo de casos múltiplos em municípios do norte pioneiro no estado do Paraná. *Caderno EBAPE.BR*, 9(4), 967-997. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512011000400003>
- Dy, A. M., & MacNeil, H. (2025). “Doing inequality, doing intersectionality”: intersectionality as threshold concept for studying inequalities in entrepreneurial activity. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 31(1), 136-154. <https://doi.org/10.1108/IJEBR-12-2022-1113>
- Essers, C., & Benschop, Y. (2009). Muslim businesswomen doing boundary work: The negotiation of Islam, gender and ethnicity within entrepreneurial contexts. *Human relations*, 62(3), 403-423. <https://doi.org/10.1177/0018726708101042>
- Federici, S. (2021). *O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo (v. 1)*. Boitempo Editorial.
- Fernandes, A. A. (2023). *O impacto da pandemia de COVID-19 sobre o empreendedorismo feminino: Uma revisão sistematizada de literatura* (Tese de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/39389>
- Ferretti, A. Z., & de Souza, E. M. (2022). Resistir para re-existir: compreensão dos discursos sobre gênero e empreendedorismo a partir de uma perspectiva crítica e interseccional. *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, 7, 6-38. <https://www.relise.eco.br/index.php/relise/article/view/613>
- Filion, L. J. (1993). *Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios*. Saraiva.
- Forrester, J. K., & Neville, F. (2021). An institutional perspective on borrowing discouragement among female-owned enterprises and the role of regional female empowerment. *Journal of Business Venturing*, 36(6), 106-156. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2021.106156>
- Frese, M. (2021). An action theory approach to the psychology of entrepreneurial actions and entrepreneurial success. Em M. M. Gielnik, M. S. Cardon, & M. Frese (Eds.), *The psychology of entrepreneurship: New perspectives* (pp. 182–209). Routledge/Taylor & Francis Group.
- Galmangodage, L., Yu, A., & Costanzo, L. (2025). Not ready yet: Why accelerators may not close the gender gap in entrepreneurship as expected. *Gender, Work & Organization*. <https://doi.org/10.1111/gwao.13238>
- Ghai, S. (2021). It's time to reimagine sample diversity and retire the WEIRD dichotomy. *Nature Human Behavior*, 5, 971-972. <https://doi.org/10.1038/s41562-021-01175-9>
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (Vol. 4). Atlas.
- Global Entrepreneurship Monitor. (2017). *Women's Entrepreneurship 2016/2017 Report*. Smith College. https://scholarworks.smith.edu/conway_research/1
- Global Entrepreneurship Monitor. (2022). *GEM 2021/2022 Global Report: Opportunity Amid Disruption*. <https://www.gemconsortium.org/report>
- Global Entrepreneurship Monitor. (2025). *Global Entrepreneurship Monitor 2024/2025 Global Report: Entrepreneurship Reality Check*. GEM.
- Gloor, L. B. (2006). From the melting pot to the tossed salad metaphor: Why coercive assimilation lacks the flavors Americans crave. *Hohonu: A Journal of Academic Writing*, 4(2006), 29-32. <https://hilo.hawaii.edu/campuscenter/hohonu/volumes/documents/Vol04x06FromtheMeltingPot.pdf>
- Gomes, A. F., Santana, W. G. P., Araújo, U. P., & Martins, C. M. F. (2014). Empreendedorismo feminino como sujeito de pesquisa. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, 16(51), 319-342. <https://doi.org/10.7819/rbgn.v16i51.1508>
- Gonçalves, M., Sartipi, S., & Damavandi, G. A. (2025). Leadership and Entrepreneurial Choices: Understanding the Motivational Dynamics of Women Entrepreneurs in Iran. *Merits*, 5(1), 1. <https://doi.org/10.3390/merits5010001>

- González, A. L., & Macias-Alonso, I. (2023). Resilience, adaptation and strategic engagement: Saudi female entrepreneurs confront Covid-19. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 15(2), 170-190. <https://doi.org/10.1108/ijge-06-2022-0103>
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Hazudin, S. F., Sabri, M. F., Ramli, N., & Burhan, N. A. S. (2023). Development of Antecedent Factors for Malaysian Women's Entrepreneurial Resilience Framework: A Fuzzy Delphi Method. *JWEE*, (3/4), 1-27. <https://doi.org/10.28934/jwee23.34.pp1-27>
- Hechavarria, D., Bullough, A., Brush, C. & Edelman, L. (2019). High-growth women's entrepreneurship: fueling social and economic development. *Journal of Small Business Management*, 57(1), 5–13. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12503>
- Higgins, C. A.; Duxbury, L. E.; & Irving, R. H. (1992). Work-family conflict in the dual-career family. *Organizational Behavior and Human Decision Process*. 51(1), 51-75. [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(92\)90004-Q](https://doi.org/10.1016/0749-5978(92)90004-Q)
- Hooks, B. (2015). *Teoria feminista: Da margem ao centro*. Editora Rosa dos Tempos.
- Iskandar, K., Molinier, L., Hallit, S., Sartelli, M., Hardcastle, T. C., Haque, M., Lugova, H., Dhingra, S., Sharma, P., Islam, S., Mohammed, I., Mohamed, I. N., Hanna, P. A., Hajj, S. E., Jamaluddin, N. A. H., Salameh, P., & Roques, C. (2021). Surveillance of antimicrobial resistance in low- and middle-income countries: a scattered picture. *Antimicrobial Resistance & Infection Control*, 10(63). <https://doi.org/10.1186/s13756-021-00931-w>
- Islam, M. S., Azizzadeh, F., Islam, Md. S., Adrita, U. W., Mazumder, A. H., & Akhter, R. (2025). Phenomenological insights into socio-psychological and network dynamics of women entrepreneurs. *Journal of Trade Science*. <https://doi.org/10.1108/jts-07-2024-0040>
- Jonathan, E. G., & Silva, T. M. R. (2007). Empreendedorismo Feminino: Tecendo a trama de demandas conflitantes. *Psicologia & Sociedade*, 19 (1), 77-84. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100011>
- Kamasturyani, Y., Sugiyono, S., Raharjo, T. J., & Rifai, A. (2019). Empowering women through entrepreneurship training and courses: Study in a female-dominated business. *International Journal of Entrepreneurship*, 23(2), 1-6. <https://www.abacademies.org/articles/empowering-women-through-entrepreneurship-training-and-courses-study-in-a-female-dominated-business-8299.html>
- Kawane, T., & Shaw, R. (2024). Enhancing and sustaining entrepreneurial mindset and ecosystem through social capital: A case of rural women in North Gujarat, India. *International Journal of Asian Social Science*, 14(5), 139–160. <https://doi.org/10.55493/5007.v14i5.5106>
- Kilomba, G. (2020). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó.
- Korber, S., & McNaughton, R. B. (2018). Resilience and entrepreneurship: a systematic literature review. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 24(7), 1129-1154. <https://doi.org/10.1108/IJEBR-10-2016-0356>
- Leipold, B., & Greve, W. (2009). Resilience: A conceptual bridge between coping and development. *European Psychologist*, 14(1), 40-50. <https://doi.org/10.1027/1016-9040.14.1.40>
- Lengnick-Hall, C. A., Beck, T. E., & Lengnick-Hall, M. L. (2011). Developing a capacity for organizational resilience through strategic human resource management. *Human resource management review*, 21(3), 243-255. <https://doi.org/10.1016/j.hrmr.2010.07.001>
- Li, P. P. (2020). Organizational resilience for a new normal: Balancing the paradox of global interdependence. *Management and Organization Review*, 16(3), 503–509. <https://doi.org/10.1017/mor.2020.30>
- Lingappa, A. K., & Rodrigues, M. (2023). Informal female entrepreneurs: Challenges and resilience in emerging economies. *Journal of Small Business and Entrepreneurship*, 35(1), 123–145. <https://doi.org/10.1080/08276331.2022.2065480>
- Lockyer, J., & George, S. (2012). What women want: Barriers to female entrepreneurship in the West Midlands. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 4(2), 179–195. <https://doi.org/10.1108/17566261211234661>
- Long, Z., Marshall-McKelvey, K., & Matter, M. M. (2024). Material precarity, performative imperative, and burnout from resilience: Surfacing the dark side of resilience laboring in women's entrepreneurial stories. *Journal of Applied Communication Research*. <https://doi.org/10.1080/00909882.2024.2313126>
- Longstaff, P. H., Armstrong, N. J., Perrin, K., Parker, W. M., & Hidek, M. A. (2010). Building resilient communities: A preliminary framework for assessment. *Homeland security affairs*, 6(3), 1-23. <https://www.hsai.org/articles/81>
- Machado, H. P. V., Guedes, A., & Gazola, S. (2017). Determinantes e dificuldades de crescimento para mulheres empreendedoras. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 11(1), 85-99. <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v11i1.828>
- Maggioni, M. B. L. (2022). Mulheres profissionais pós-maternidade e a manifestação das estratégias de autoliderança em suas vivências no trabalho (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Administração. <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/25644>
- Marlow, S. (2019). Gender and entrepreneurship: past achievements and future possibilities. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 12(1), 39–52. <https://doi.org/10.1108/IJGE-05-2019-0090>
- Marlow, S., & McAdam, M. (2013). Gender and entrepreneurship: Advancing debate and challenging myths; exploring the mystery of the under-performing female entrepreneur. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 19(1), 114–124. <https://doi.org/10.1108/13552551311299288>
- Martins, G. A., Cardoso, A. M., Melo, K. B., Martins, V. F. (2015). Práticas Contábeis na Área de Transportes: A Percepção dos Gestores de Micro Empresas. *RAGC*, 3(8), 47-64. <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/ragc/article/view/626>
- Matharu, S. K., & Juneja, D. (2024). Factors impacting resilience of women entrepreneurs in India in the face of COVID-19. *Vision*, 28(4), 448–458. <https://doi.org/10.1177/09722629211043299>
- McGowan, P., Redeker, C.L., Cooper, S.Y., & Greenan, K. (2012). Female entrepreneurship and the management of business and domestic roles: motivations, expectations and realities. *Entrepreneurship and Regional Development*, 24(1), 53-72. <https://doi.org/10.1080/08985626.2012.637351>

- McMullen, J. S., & Shepherd, D. A. (2006). Entrepreneurial action and the role of uncertainty in the theory of the entrepreneur. *Academy of Management Review*, 31, 132-152. <https://doi.org/10.5465/amr.2006.19379628>
- Melo, K., & Prieto, M. (2013). A gestão de custos em micros e pequenas empresas-MPEs: um estudo de caso em empresas de panificação na cidade de Uberlândia. III CSEAR–Conferência Interamericana de Contabilidade Socioambiental–América do Sul. UFPA, Belém, Pará–Brasil.
- Meunier, F., Fantoni, S., & Kouhlani-Nolla, S. (2022). We-Data: Measuring the gap in female entrepreneurship around the world. *World Bank Blogs*. <https://blogs.worldbank.org/developmenttalk/we-data-measuring-gap-female-entrepreneurship-around-world>
- Minayo, M. C. de S. (2012). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (12ª ed.).: Hucitec.
- Nascimento, B. (2022). *O negro visto por ele mesmo: ensaios, entrevistas e prosa*. Ubu Editora.
- Nassif, V. M. J., & Garçon, M. M. (2022). The integrative approach in the study of resilience in female entrepreneurship. *European Journal of Training and Development*, 48(1-2), 162-178. <https://doi.org/10.1108/ejtd-04-2022-0040>
- Nassif, V. M. J., Hashimoto, M., Borges, C., La Falce, J., & de Oliveira Lima, E. (2020). Influência das Ameaças de Gênero e Comportamento de Superação na Satisfação de Empreendedoras. *Future Studies Research Journal: Trends and Strategies*, 12(3), 416-437. <https://doi.org/10.24023/FutureJournal/2175-5825/2020.v12i3.540>
- Natividade, D. R. da. (2009). Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. *Revista De Administração Pública*, 43(1), 231 a 256. Recuperado de <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/6686>
- Norman, J. F., Aiken, L., & Greer, T. W. (2024). Untold stories of African American women entrepreneurs: research-based strategies for becoming one's own boss. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 31(4), 655-678. <https://doi.org/10.1108/JSBED-03-2023-0140>
- Orozco Castillo, E. A. (2022). Experiencias en torno al emprendimiento femenino. *Región Científica*, 1(1), 20227. <https://doi.org/10.58763/rc20225>
- Pereira, F. B., & Santos, C. V. (2023). O discurso do Empreendedorismo sob a perspectiva da Análise do Discurso Crítica. *Economia e Desenvolvimento*, 35, e83814-e83814. <https://doi.org/10.5902/1414650983814>
- Pfeifer, S., Šarlija, N., & Sušac, M. Z. (2016). Shaping the entrepreneurial mindset: Entrepreneurial intentions of business students in Croatia. *Journal of Small Business Management*, 54(1), 102-117. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12133>
- Reichborn-Kjennerud, K., & Svare, H. (2014). Entrepreneurial growth strategies: the female touch. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 6(2), 181-199. <https://doi.org/10.1108/IJGE-04-2013-0043>
- Renko, M., Bullough, A., & Saeed, S. (2021). How do resilience and self-efficacy relate to entrepreneurial intentions in countries with varying degrees of fragility? A six-country study. *International Small Business Journal*, 39(2), 130-156. <https://doi.org/10.1177/0266242620960456>
- Reppold, C. T., Mayer, J. C., Almeida, L. S., & Hutz, C. S. (2012). Avaliação da resiliência: controvérsia em torno do uso das escalas. *Psicologia: reflexão e crítica*, 25, 248-255. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000200006>
- Rodrigues, D. M. A., Serafim, G. L., Santos, H. S., Bizarria, F. P. A., & Barbosa, F. L. S. (2021). Empreendedorismo social feminino: Experiencias en los estados del noreste brasileño desde la perspectiva del desarrollo regional. *Revista Tecnológica ESPOL*, 33(3), 110–125. <https://doi.org/10.37815/rte.v33n3.879>
- Roomi, M. A.; & Harrison, P. (2010). Behind the veil: woman-only entrepreneurship training in Pakistan. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 2(2), 150-172. <https://doi.org/10.1108/17566261011051017>
- Rudhumbu, N., Du Plessis, E. E., & Maphosa, C. (2020). Challenges and opportunities for women entrepreneurs in Botswana: revisiting the role of entrepreneurship education. *Journal of International Education in Business*, 13(2), 183-201. <https://doi.org/10.1108/JIEB-12-2019-0058>
- Rumens, N. (2025). Annual review article: Rethinking heteronormativity in entrepreneurship studies research. *International Small Business Journal*, 02662426251323861. <https://doi.org/10.1177/02662426251323861>
- Santos, L. A., Corgozinho, P. H. M., & Mascarenhas, M. P. (2023). As dificuldades do empreendedorismo feminino. *Intrepido: Iniciação Científica*, 2(1). <https://www.periodicos.famig.edu.br/index.php/intrepido/article/view/410>
- Silvestri, E. (2022). Process Pathway of Doing Resilience: Evidence from a Study on Women Technology Entrepreneurs. 2022(1). <https://doi.org/10.5465/ambpp.2022.10974abstract>
- Sinclair, V. G., & Wallston, K. A. (2004). The development and psychometric evaluation of the Brief Resilient Coping Scale. *Assessment*, 11(1), 94-101. <https://doi.org/10.1177/1073191103258144>
- Tavares, P. M., & Araujo, J. J. (2018). O Programa Mulheres Mil como uma Possibilidade de Autonomia para Mulheres em Vulnerabilidade Social. *RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade*, 4. <https://doi.org/10.23899/relacult.v4i0.758>
- Teixeira, C. B., Rocha, N. C. S., & Silva, A. R. P. (2023). O Preço Na Ilha: estratégias De Precificação No Empreendedorismo Feminino Marajoara. *Revista Paraense De Contabilidade*, 8(2), e134. <https://doi.org/10.36562/rpc.v8i2.134>
- Teixeira, P. C., Freitas, C. L. L., & Brito, Z. M. (2024). A Importância da Gestão de Custos para a Lucratividade de Micro e Pequenas Empresas: Um Estudo de Caso em Manacapuru-AM. *Revista Acadêmica Online*, 10(52). <https://doi.org/10.36238/2359-5787.2024.v10n52.235>
- Telles, M. L. F. A., Veiga, H. M. S., Tavares, M. C., Araújo, R. S., & Melo, K. B. (2024). Treinamento para Empreendedorismo: Revisão Sistemática de Literatura no período de 2010 a 2023 [Apresentação de Trabalho]. XI CBPOT - Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho. UERJ.
- Theaker, A. (2023) Does mentoring for women entrepreneurs lead to success? *International Journal of Evidence Based Coaching and Mentoring*, 21(2), 35-50. <https://doi.org/10.24384/ibra-zt25>
- Torkkeli, L., Ivanova-Gongne, M., Vuorio, A., & Kulkov, I. (2021). Always trusts, always hopes, always perseveres? Comparative discourse analysis of the perception of international entrepreneurship during

- pandemic. In *Empirical International Entrepreneurship: A Handbook of Methods, Approaches, and Applications* (pp. 199-215). Cham: Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-030-68972-8_11
- Veiga, H. M. S., Melo, K. B., Araújo, R. S., & Tavares, M. C. (2024). Barreiras e vieses cognitivos enfrentados por empreendedoras negras: um estudo teórico. *RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade*, 10(3). <https://doi.org/10.23899/relacult.v10i3.2415>
- Vorobeva, E. (2022). Intersectionality and Minority Entrepreneurship: At the Crossroad of Vulnerability and Power. In: Dana, LP., Khachlouf, N., Maâlaoui, A., Ratten, V. (eds) *Disadvantaged Minorities in Business. Contributions to Management Science*. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-030-97079-6_11
- Wardle, C. (2023). Misunderstanding Misinformation. *Issues in Science and Technology*, 39(3), 38–40. <https://doi.org/10.58875/ZAUD1691>
- Zahra, S. A. (2020). International entrepreneurship (IE) in the age of political turbulence. *Academy of Management Discoveries*, 6(2), 172-175. <https://doi.org/10.5465/amd.2019.0076>

Contribuições:

Heila Magali Silva Veiga: conceituação, supervisão, Redação - revisão e edição.

Kamila Batista de Melo: conceituação, curadoria de dados, análise de dados, aquisição de financiamento, investigação, metodologia, administração do projeto, recursos (disponibilização de ferramentas), Software (Desenvolvimento, implementação e teste de software), supervisão, validação (Validação de dados e experimentos), visualização (Design da apresentação dos dados), Redação do manuscrito original, Redação - revisão e edição.

Olívia Pillar Perez Miziara: metodologia, Redação do manuscrito original, Redação - revisão e edição.

Rafaela de Sousa Araújo: curadoria de dados, análise de dados, investigação, metodologia, validação (Validação de dados e experimentos), Redação do manuscrito original, Redação - revisão e edição.

Maria Laura de Freitas Andrade Telles: curadoria de dados, análise de dados, investigação, metodologia, validação (Validação de dados e experimentos), Redação do manuscrito original, Redação - revisão e edição.

Mariana Calixto Tavares: curadoria de dados, análise de dados, investigação, metodologia, validação (Validação de dados e experimentos), Redação do manuscrito original, Redação - revisão e edição.

Financiamento

Este artigo foi financiado por bolsa concedida pela CAPES e FAPEMIG

Disponibilização de dados:

Os dados da pesquisa estão disponíveis mediante solicitação ao autor(a) correspondente.

Conflitos de interesse:

As autoras declaram a inexistência de conflitos de interesse na realização e na comunicação dessa pesquisa.

Recebido: 6 de maio de 2025

Revisado: 26 de agosto de 2025

Aceito: 12 de setembro de 2025

Publicado: 22 de outubro de 2025